

A MODERNIDADE POÉTICA EM CESÁRIO VERDE E GOMES LEAL

Carlos Eduardo Marcos BONFÁ¹

Percorri, em minha Dissertação de Mestrado, a direção que tomaram alguns elementos da modernidade *fin-de-siècle* – a relação dúbia com o universo urbano-industrial, o arquétipo feminino da *femme fatale*, processos de despersonalização e manifestações da identificação dos contrários – na obra cesária e de Gomes Leal. Estes elementos, pela sua recorrência, pareceram-me os de maior relevância no contexto da referida modernidade. E por elencá-los, minha proposta se tornou inserir ambos os autores no contexto de uma condição pioneira em relação à modernidade *fin-de-siècle* portuguesa. Isso já tem sido feito com a obra cesária, mas a obra de Gomes Leal é ainda escassamente perscrutada, ainda que seja citada por renomeados críticos e historiadores da literatura portuguesa como uma obra relevante e precursora. Apesar de minha intenção não ter sido esta, não podemos nos esquecer de que a obra dos referidos autores chega a abrir horizontes que tomarão fôlego no

¹ Mestre em Estudos Literários (Letras); Faculdade de Ciências e Letras – *campus* de Araraquara (FCL-CAR); Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); endereço eletrônico: ce.bonfa@terra.com.br.

século XX, não somente no âmbito da literatura portuguesa mas também no âmbito universal.

Explicito brevemente a direção que os citados elementos tomaram na obra de ambos os autores.

Quando inserido no meio urbano, o eu poético cesário sofre uma tensão entre a fertilidade criativa e a sensação de opressão, aprisionamento e de falta de vitalidade. Sua visão é orientada para a realidade concreta, sutilmente transfigurada. Ele vai descobrindo paulatinamente o espaço das ruas e os ambientes junto com o leitor, pois este começa a observá-lo como mais uma personagem que perambula pela cidade. Para representar as impressões elementares suscitadas pelos objetos, Cesário transpõe a técnica do romance realista (ao menos do romance realista à maneira de Flaubert) para a poesia: técnica esta que cria a impressão da precisão, que tenta reter e analisar os elementos de uma realidade dinâmica e fantasmagórica repleta de informações simultâneas. O eu poético de Gomes Leal, por seu turno, sofre a tensão entre o sacro e o profano quando inserido no meio urbano, pressentida ora íntima ora ideologicamente, isto é, distanciada do “eu” e associada ao “outro”, ou seja, à burguesia. Sua visão

é orientada para a transfiguração simbólica da realidade, rearticulada por uma imaginação excessiva. Como o eu poético de Gomes Leal é bastante apegado à dimensão simbólica da existência, a cidade se desprende da imanência aos dados da percepção sensível, transformando-se em um acúmulo de arquétipos da vida moderna que mais parecem extraídos de um plano infernal. Por isso suas descrições são menos minuciosas. Ele não permanece muito tempo na realidade da existência concreta, querendo logo tentar ascender a uma dimensão espiritual, ainda que vaga.

Com o exemplo de Cesário e de Gomes Leal podemos afirmar que a relação com o universo urbano toma, já em seus primórdios, duas direções opostas na literatura portuguesa. A cidade de Gomes Leal se encontra no âmbito cosmopolita, tornando Lisboa um meio de encontrar as cenas modernas primordiais, como o fizera Baudelaire com Paris. *Claridades do sul* é de 1875. Cinco anos depois, “O Sentimento de um Ocidental” irá explorar o âmbito provinciano desse *topos*, mais condizente com a realidade portuguesa de então. Seria difícil defender uma dessas direções, como o fez Berardinelli (2007) em relação ao provincianismo. Acho que ambas as direções têm uma importância equivalente, complementando-se. Se

quisermos saber o que foi Lisboa para os poetas, não devemos atentar somente para um poeta mais “real” como Cesário, mas igualmente atentarmos para um poeta fantasista como Gomes Leal. Afinal, se foi Lisboa que excitou a fantasia do eu poético de Gomes Leal, isso quer dizer que de um modo ou de outro ele ainda está falando de Lisboa.

O erotismo de humilhação é experienciado de modo crítico pelo eu poético cesárico, sofrendo resistência principalmente ao se chocar simbolicamente com questões socioeconômicas. A *femme fatale* é ainda ridicularizada através de descrições exageradas e caricaturais e fica às vezes propositadamente deslocada no ambiente provinciano da Lisboa da segunda metade do século XIX. A *femme fatale* de Gomes Leal está bastante relacionada com a visão de uma Natureza corrupta. O Mal inerente ao ser e também a todos os entes adquire, em Gomes Leal, orientações políticas, de classe e de gênero, atingindo, assim, a mulher, que assume um caráter universal associado à perversão, à crueldade e ao egoísmo. Mas verificamos ao mesmo tempo, em Gomes Leal, um ressentimento contra essa figura feminina, que desemboca em um desejo criminoso de dominação

ou em uma atitude crítica perante seus poderes de fascinação.

Nem o eu poético cesárico nem o de Gomes Leal pretendem anular o “eu”, mas sim alargar a subjetividade. O eu poético cesárico, em “O Sentimento de um Ocidental”, torna-se um *flâneur* que não adota uma postura aristocrática e onipotente e alarga sua subjetividade – alargamento reforçado pelo uso de uma linguagem que evita os transbordamentos expressivos românticos, que egocentizam em demasia os sentimentos – para apelar à consciência de uma coletividade integrada. Em “Cinismos”, o eu poético cesárico adota uma *persona* romântica para construir uma paródia pós-romântica da exposição do “eu” e do transbordamento expressivo. Paródia que se reflete também no conteúdo formal, onde ocorre uma teatralização do “eu” na dinâmica lúdica da própria composição e disposição espacial dos vocábulos. Essa paródia assume o cinismo moderno. O eu poético de Gomes Leal adere com afinco à atitude de construir *personae*, tornando o *dandysme* um recorrente recurso de provocação e crítica à cultura e ética da sociedade burguesa moderna.

É verdade que o eu poético cesárico cinde sua personalidade para se analisar. A consciência reflexiva é nele viva tanto quanto em Fernando

Pessoa. Mas o que ele pretende com isso é, antes de tudo, compreender, através de um passeio reflexivo, a realidade compósita da cidade da qual é, simultaneamente, parte e um observador isolado, assim como se opor à norma imperante da cidade através da máscara do homem campestre.

A beleza tanto da obra cesárica quanto da de Gomes Leal explora a mescla de elementos contrastantes. O contraste se revela na obra cesárica já na condição de sua linguagem. A unidade da composição de seus poemas progride e se insinua pela articulação de elementos contraditórios da realidade decomposta. A fusão do concreto e do abstrato e o uso da prosopopéia são procedimentos presentes em ambos os autores. Porém, em Gomes Leal, é a visão analógica de mundo que direciona a mescla de elementos contrastantes, fazendo da sinestesia a figura mais recorrente. Essa beleza insólita foi recebida com estranhamento (afinal era esse seu objetivo), denotando um caráter inovador da poesia portuguesa.

Explicitadas essas direções, finalizo concluindo que todos esses elementos agem em conjunto nessa modernidade, assim como na obra dos referidos autores. O relacionamento

íntimo desses elementos acaba por reforçar seus efeitos. As manifestações de identificação dos contrários ou a mescla de elementos contrastantes são o ponto de partida ou o diapasão da presença dos outros elementos. A função do poeta moderno é tornar visível a nova realidade exterior da cidade, comumente por meio de uma subjetividade alargada (despersonalizada). A imagem da cidade e da mulher se associam e se confundem, tornando seu acentuado poder de fascinação em um também acentuado e concomitante poder de repulsa ou atemorização, pois a fascinação provocada pelo labirinto das cidades e pela imagem feminina será perceptível somente quando em equivalência com os efeitos provocados pelas sensações e sentimentos turbados e prejudiciais.

REFERÊNCIAS

- BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, 216 p.
- LEAL, Gomes. *Claridades do sul*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998, 354 p.
- VERDE, Cesário. *Obra poética integral de Cesário Verde (1855-86)*. Ricardo Daunt (Org.). São Paulo: Landy Ed., 2006, 274 p.